

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REALIZADOR CONVIDADO: BORIS LEHMAN
16 de Dezembro de 2023

MES ENTRETIENS FILMÉS / 1995-2012

Um filme de Boris Lehman

Realização e Produção: Boris Lehman / **Direcção de Fotografia:** Antoine-Marie Meert, Rachel Simoni e Jean-Marc Vervoort / **Som:** Bernard Declerq, Denys Desjardins, Éric Dumont, Yvan Petit, Luc Remy e Jacques Dapoz / **Montagem:** Daniel De Valck, Ariane Mellet e Juliette Achard

Capítulo I: Cópia em 16mm, colorida, falada em francês com legendagem electrónica em português / **Duração:** 125 minutos / **Com:** Dimitri De Clercq (réalisateur), Luc Rémy (encenador), Henri Storck (cineasta), Philippe Simon (livreiro), Jean-Marie Buchet (professor de cinema), Serge Meurant (poeta), Daniel Fano (jornalista, poeta), Patrick Leboutte (crítico de cinema), François Albera (historiador de cinema), Fabrice Revault d'Allonnes (escreve sobre cinema), Dominique Noguez (escritor), Dominique Païni (então director da Cinémathèque française), Jean-Pierre Gorin (realizador), Boris Lehman (“no banho”).

Capítulo II: Cópia de versão digital (DCP), colorida, falada em francês com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / **Duração:** 153 minutos / **Com:** Jean Rouch (etnólogo, cineasta), Saguenail Abramovici (cineasta), Regina Guimarães (poeta), Rachel Fajersztajn (psicanalista), Naum Kleiman (então director do Museu Kino de Moscovo), Freddy Buache (então director da Cinémathèque de Lausanne), Jonas Mekas (cineasta, então director dos Anthology Film Archives), Ulrich Gregor (então director do Fórum do Jovem Cinema em Berlim), Façoise Lebrun (atriz), Robert Kramer (cineasta), Stephen Dwoskin (cineasta), Noël Godin (“atirador de tartes”), Antoine-Marie Meert, (director de fotografia), Daniel De Valck (montador), Claudia von Alemann (cineasta), Nadine Wandel (cantora), Boris (“enrolado em película”)

Capítulo III: Cópia de versão digital (DCP), colorida, falada em francês com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / **Duração:** 126 minutos / **Com:** Inbal et Natalie Yalon (actores), Robert Daudelin (então director da Cinémathèque Québécoise), Serge Ouaknine (professor de teatro), Micha Iampolski (professor de literatura comparada), Jean Rouch (cineasta), René Vautier (cineasta), Marcel Hanoun (cineasta), Gérard Courant (cineasta), David Perlov (professor, cineasta), Meriam Kerkour (artista plástica), Charlotte Grégoire (cineasta), Frédérique Devillers (cineasta), Catherine Libert (cineasta), Stefanie Bodien (programadora), Marie- Puck Broodthaers (galerista), Yaël André (cineasta), Nadine Wandel (cantora)

Primeira exibição dos três capítulos na Cinemateca / a sessão terá dois intervalos de 15 minutos, no fim de cada um dos capítulos / Com a presença de Boris Lehman e Saguenail

Boris Lehman e a sua obra já não são propriamente desconhecidos para o público da Cinemateca, pois esta casa já lhes dedicou um ciclo de alguma envergadura, em 1996, no âmbito da série “Cineastas para o Século XXI”.

Os espectadores que tenham acompanhado esse ciclo com regularidade sentir-se-ão hoje particularmente privilegiados, já que se **Mes Entretiens Filmés** não pressupõe como

absoluta porta de entrada o conhecimento da obra prévia de Lehman, a experiência do seu visionamento será tão mais rica quanto houver, da parte do espectador, uma memória minimamente viva dessa obra. Pela simples razão de que o grande “tema” de **Mes Entretiens Filmés** é... a própria obra de Boris Lehman, numa espécie de balanço e de reflexão (reflexão do autor, e reflexão de conhecedores da sua obra), suscitada por circunstâncias muito especiais.

Essas circunstâncias, Boris Lehman explicou-as com alguma profundidade. Citamos: “*Já não queria fazer filmes, ou mais exactamente queria não voltar a fazer filmes, queria acabar com isso de uma vez por todas. Mas para o dizer, precisava de fazer um, só o podia dizer fazendo um filme*”. **Mes Entretiens Filmés**, nascendo daí, não significava no entanto a procura de um “testamento”; quanto mais não fosse porque esse “testamento”, Boris Lehman considerava tê-lo feito em **Leçon de Vie** (filme de 1995 que abriu o nosso ciclo de 1996), a que o realizador chamou o seu “*último filme*”, mais por razões conceptuais do que por outras quaisquer. Correspondendo hipoteticamente a um momento de crise pessoal (é só uma hipótese, que se pode ou não adivinhar, já que Lehman nunca fala disso, pelo menos pormenorizadamente), o desejo de não voltar a fazer filmes não equivalia a um desejo de deixar de filmar; e depois de **Leçon de Vie**, conta ainda Lehman, “*filmei muito, colhendo, coleccionando dia após dia, semana após semana, imagens e sons, fragmentos de um diário, arquivos pessoais e privados, ideias e propostas de filmes*”. **Mes Entretiens Filmés** parte da organização desses “arquivos” ou dessas “propostas”: Lehman reuniu um conjunto de conversas ou entrevistas que tinha filmado com amigos seus (alguns mais célebres do que outros), e de modo quase involuntário foi atribuindo a essa organização uma estrutura de filme – incluindo excertos de alguns filmes seus mais antigos, comentados em “off” por ele próprio. E do lado “involuntário” do filme que vamos ver, é também Lehman quem fala: “*comencé comme un gag, une fantaisie (...) il est presque devenu, malgré lui, un film*”.

A vertente analítica, introspectiva, é uma presença bastante forte em **Mes Entretiens Filmés**, e da interação entre Lehman e os outros intervenientes acaba por resultar uma espécie de olhar de conjunto, diversificado mas coerente, sobre a sua obra (a tal ponto que é ainda o próprio realizador quem diz que o filme pode ser apresentado como “uma introdução à obra filmada de Boris Lehman”). Nesse sentido, **Mes Entretiens Filmés**, sendo aparentemente um filme sobre os outros filmes de Lehman, partilha com eles uma série de temas nucleares – afinal, estamos, como quase sempre sucede na obra do cineasta belga, num registo a meio caminho entre o diário pessoal e o auto-retrato, entre a introspecção e a auto-exposição, entre uma geografia “mental” e uma geografia “física”. Num cinema que, se é ostensivamente na primeira pessoa do singular, colhe muita da sua energia e da sua complexidade no permanente jogo de irrisão que mantém com essa primeira pessoa. Há uma espécie de humor “escondido” no filme, uma ironia que o percorre de uma ponta a outra (repare-se no intertítulo do princípio: “*Cinéastes Hors de Notre Temps*”, numa piscadela de olho à célebre série dos “*Cinéastes de Notre Temps*”) – tudo isso gera contradições dentro do filme, sobretudo quando articulado com a seriedade solene de algumas das intervenções, mas parece corresponder, exactamente por isso, a uma vontade, da parte de Lehman, de não se deixar aprisionar por uma só imagem, homogénea e unidimensional (e repare-se que o confronto entre as imagens de Lehman neste filme e as imagens de Lehman noutros filmes mais antigos parece sempre vir ao encontro desta impossibilidade de chegar a uma imagem fixa). E se o auto-retrato é sempre uma ideia muito forte em Boris Lehman, não se está, pelo menos aqui, muito longe do conceito do “auto-retrato de Dezembro” que Godard propunha em **JLG/JLG**.

Luís Miguel Oliveira